

## PALESTRA SOBRE JAIME CORTESÃO

pelo Dr. Mário Soares

proferida no Instituto Nacional de Administração, em 7 de Outubro de 2009, na sessão de apresentação do patrono da 10ª edição do Curso de Estudos Avançados de Gestão Pública

Em primeiro lugar, quero agradecer a vossa presença aqui e agradecer ao Engº. Rui Afonso Lucas, presidente do conselho directivo desta casa, ter reiterado um primeiro convite que me foi feito pelo meu amigo Prof. Correia de Campos, actualmente deputado no Parlamento Europeu. Quero dizer-vos ainda que, apesar de atravessar uma época bastante trabalhosa, sob variadíssimos aspectos, quando me pediram para falar de Jaime Cortesão, eu não pude recusar, por várias razões.

Conheci pessoalmente Jaime Cortesão e, na última fase da sua vida, posso dizê-lo, fui seu amigo de todos os dias. Vocês imaginam que eu que já sou mais velho do que ele era quando morreu, conheci muita gente ao longo da vida, pessoas ilustres, portuguesas naturalmente, mas também de muitos outros países, e sei, portanto, distinguir as grandes figuras das figuras menores. E, se há pessoa que me fascinou desde jovem e de quem fui, primeiro, admirador rendido e, depois, amigo, foi Jaime Cortesão, por quem tinha uma consideração e uma amizade absolutas, um amigo que eu nunca esqueci, uma das figuras mais extraordinárias do século XX em Portugal.

Quero começar, porém, por dizer que tenho muita satisfação em estar aqui no INA, uma instituição que foi pensada na altura em que participei no primeiro governo constitucional, embora a criação efectiva tenha pertencido, depois, ao governo de iniciativa presidencial dirigido pelo Prof. Mota Pinto, uma grande figura também. Quando houve a revolução de Abril, o Estado português vinha de 48 anos de ditadura e caiu como um fruto podre cai duma árvore. Ninguém percebeu isso nos primeiros dias, era a grande euforia nacional, desfrutava-se a liberdade que as pessoas nunca tinham conhecido, mas depois, quando foi preciso formar os primeiros governos (o primeiro governo provisório foi constituído em 16 de Maio de 1974), os militares, que tinham feito a revolução, que tinham sido os heróis da revolução, ficaram eles próprios sem saber o que fazer. Os problemas nasciam todos os dias e era preciso dar respostas. Na administração pública, a maioria dos quadros superiores desapareceu, não se sabe bem como, saiu, fugiu, reformou-se, toda a estrutura do Estado se desfez e foi preciso criar tudo de novo. A administração pública, no tempo de Salazar, não tinha nada a ver com a nossa actual administração pública. Como vocês devem saber, não havia liberdade, ninguém tinha liberdade de dizer o que pensava, agora há uma liberdade enorme sob todos os aspectos, toda a gente pode falar, pode dizer o que quiser e isso leva a que muitos pensem e digam "isto está muito mal". Mas não está, é o contrário, está bem, porque, apesar de as pessoas dizerem mal, criticarem e até fazerem coisas que ultrapassam os limites da liberdade, a verdade é que Portugal é um país incomparavelmente melhor do que era anteriormente. Retomando a questão da administração pública e do serviço público, constatou-se, na altura, a necessidade de criar esta instituição, tendo sido usado como modelo inspirador a ENA francesa, sobre a qual foram encomendados vários estudos. Eu fui acompanhando, mais

ou menos de perto, a evolução do instituto e, que me lembre, vim aqui pelo menos duas vezes, no tempo em que era presidente o Prof. Fraústio da Silva, um grande químico de reputação mundial, que foi ministro da Educação e de quem sou muito amigo.

Portanto, pelas minhas ligações ao INA e por ser Jaime Cortesão o homenageado de hoje, estou aqui com muito gosto e fico satisfeito por poder contribuir para que os alunos desta edição do Curso de Estudos Avançados em Gestão Pública fiquem com uma idéia mais clara sobre o seu patrono.

Vou falar-vos sobre Jaime Cortesão de uma maneira necessariamente breve e informal, apoiado apenas por alguns apontamentos que trouxe comigo. De entre os patronos das edições anteriores deste curso, todos figuras ilustres, o Sr. Presidente do INA citou o Marquês de Pombal, em cuja casa este instituto está instalado. Os republicanos da primeira República gostavam imenso do Marquês de Pombal, fizeram-lhe um grande monumento na rotunda com o seu nome e transformaram-no numa espécie de herói do liberalismo. Mas ele não foi propriamente um liberal, foi, sim, um déspota esclarecido á boa maneira do séc.18, que, por razões políticas e pessoais, expulsou os jesuítas, na altura muito reaccionários e com imenso poder. Por esta razão, o movimento católico não gosta do Marquês de Pombal, eu, que não sou católico, gosto de alguns aspectos dele, mas não gosto de outros, como seja a sua crueldade. Se um dia quiserem aprofundar o vosso conhecimento sobre o Marquês de Pombal, leiam um livro muito interessante que sobre ele escreveu Camilo Castelo Branco.

Para compreenderem o que vos vou dizer sobre Jaime Cortesão é necessário que vos fale da primeira República e da ditadura de Salazar. Todos os grandes historiadores contemporâneos consideram que houve a primeira República, de 1910 a 1926, e que, depois, o que houve foi uma ditadura militar. Quando Salazar entrou como ministro das Finanças, foi introduzida uma nuance e chamaram-lhe “ditadura nacional”, como se uma ditadura pudesse ser nacional, depois inventaram o Estado Novo e fizeram aprovar a Constituição de 33. Esta constituição nunca foi cumprida, era uma fraude, porque falava de liberdade, mas, depois, para exercer a liberdade, era precisa uma data de condicionantes que retiravam todo o conteúdo à liberdade. De modo que nós consideramos que esses 48 anos do chamado Estado Novo foram um período de ditadura, a segunda República é aquela em que vivemos, e nós, os que participamos na sua constituição, consideramo-nos herdeiros da primeira República. Outra grande figura da República foi António Sérgio, também patrono de uma edição anterior do Curso de Estudos Avançados em Gestão Pública. António Sérgio começou por não ser republicano, era monárquico, oficial de marinha, e, como tal, quando foi instaurada a República, resolveu partir a espada e exilou-se no Brasil. Foi neste período que escreveu o primeiro grande volume dos seus ensaios, um livro extraordinário, cuja leitura ainda hoje é muito útil para compreender Portugal. Entretanto, em 1921, foi criada a revista Seara Nova, que tinha por trás um grande movimento cívico, impulsionado justamente por Jaime Cortesão e por um grande companheiro seu, chamado Raul Proença, que era seu número dois na Biblioteca Nacional, como referirei mais adiante. Num artigo muito interessante, que eu li na juventude e que já reli várias vezes, inserido no seu livro Claridades e Sombras, Raul Proença faz uma crítica do primeiro volume dos ensaios de António Sérgio e diz-lhe “António Sérgio, não fique no Brasil, venha para Portugal, o seu lugar é aqui e na Seara Nova”. E

ele realmente veio e, a partir daí, entrou na República e acabou, depois, por ser exilado, como Jaime Cortesão e outros.

Jaime Cortesão nasceu em Ançã, Cantanhede, numa família evoluída, da média alta burguesia. Tinha ali casa, que eu tive oportunidade de visitar. O pai também era licenciado, uma pessoa ilustre, assim como o irmão, Armando Cortesão, que tem um livro importantíssimo sobre cartografia. Jaime Cortesão, que era o mais velho dos irmãos, formou-se em Medicina, na Universidade de Lisboa, salvo erro em 1909. Depois mudou-se para o Porto, onde foi médico e professor na Faculdade de Medicina. Entretanto, veio a República, em 1910, um momento de euforia nacional semelhante ao que se viveu na Revolução dos Cravos. Jaime Cortesão, que era republicano desde os tempos da universidade, foi deputado pelo Partido Republicano, no meio de outras grandes figuras que mereciam também dar o nome ao vosso curso, como, por exemplo, Teixeira Gomes, António José de Almeida, Bernardino Machado, Afonso Costa, que foram presidentes da República, e muitos outros grandes líderes.

A primeira República foi um espanto na Europa. É preciso que vocês saibam que nós somos pioneiros em muitas coisas e não só nas descobertas. Quando a nossa República nasceu, na Europa só havia uma república em França e uma espécie de república na Suíça. Existiam ainda, nessa altura, vários impérios, o império russo, o império alemão, o império austríaco e o império turco, que viriam a desaparecer na primeira guerra mundial. Em 1914, quando esta guerra começa, desencadeada por um ataque do império alemão, o chamado Kaiser, os republicanos entenderam que deviam participar, dada a sua ligação à democracia francesa e também aos ingleses, que estavam do lado dos franceses. Nessa altura pensou-se que a guerra ia durar pouco tempo, ao contrário do que veio a acontecer, porque demorou quatro anos. Os republicanos julgaram que tinham a obrigação cívica de estar ao lado das democracias e, por outro lado, como Portugal tinha, nessa altura, um grande império colonial e a Inglaterra dominava os mares, eles entenderam que deviam juntar-se aos aliados, primeiro os franceses e os ingleses e, depois, também os americanos. Se foi ou não uma boa decisão, foi, na altura, e é, hoje ainda, muito discutido pela historiografia portuguesa. Segundo os republicanos, foi bom, porque estivemos sentados na conferência da paz, tivemos um papel importante na conferência da paz e na constituição da geopolítica europeia que se seguiu à primeira guerra mundial, ao contrário da Espanha, que foi neutral. Mas saiu-nos muito caro, porque morreram muitos portugueses, tanto na Europa como nas colónias, onde também houve guerra nessa altura. Depois da guerra houve uma epidemia terrível, chamada pneumónica, que matou outros tantos portugueses. De modo que o esforço militar e económico, durante a guerra e no período que se seguiu, foi enorme. A grande figura da intervenção de Portugal na guerra, foi, como vocês saberão, o General Norton de Matos, que viria a ser candidato à presidência da república no tempo de Salazar. O General Norton de Matos foi também uma grande figura da primeira República.

Jaime Cortesão, enquanto jovem deputado republicano, foi um dos campeões da participação de Portugal na guerra: “Portugal tem que ir para o lado dos aliados, tem que se bater pela liberdade. Porque somos democratas, temos que nos debater pela democracia contra os impérios”. E ele próprio foi para a guerra, ofereceu-se como voluntário e portou-se como um herói, um grande

herói, foi gaseado, ficou profundamente afectado nos brônquios e nos pulmões, depois recuperou, foi ferido na Flandres, e foi condecorado com a Grande Cruz.

Com o regresso a Portugal e a nomeação para director da Biblioteca Nacional, começa a grande aura de Jaime Cortesão. O cargo de director da Biblioteca Nacional é um cargo importante, mas depende das pessoas que por lá passam, depende se têm ou não capacidades extraordinárias por poderem impor-se no plano intelectual. Jaime Cortesão e o seu grande amigo Raul Proença constituíram um grupo intelectual que ficou conhecido pelo Grupo da Biblioteca e foi extremamente importante na cultura portuguesa. Jaime Cortesão, a partir daí, deixa a medicina e passa a ser, digamos, a grande referência cívica e cultural de Portugal. Criou, com Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, uma revista importante chamada *Águia* e, depois, deu origem ao movimento da renascença portuguesa. Este movimento defendia a tese de era preciso construir a República, uma República voltada para o futuro, uma República sem perseguições, uma República generosa, Jaime Cortesão sendo republicano, era crítico dos governos da República. Ele e o seu amigo Raul Proença fizeram uma coisa extraordinária, um guia, ainda hoje o melhor guia de Portugal, com vários volumes, alguns acrescentados, de que eles só escreveram os dois primeiros. Vale a pena ler estes dois volumes (podem comprá-los na Biblioteca Nacional), em que eles descrevem não somente a história de Portugal, em poucas palavras, como, depois, tudo o que é Portugal, as diversidades de Portugal e como é que tudo se articula. As pessoas que vão ser servidores do Estado, para que tenham a consciência e a noção do dever de servir o Estado, é muito importante que saibam o que é Portugal, de onde vem e para onde deve caminhar Portugal. E isso vocês aprendem muito se lerem Jaime Cortesão, uma das figuras intelectuais mais importantes do nosso País.

Como disse, ele foi crítico da primeira República na sua fase segunda. Porque a primeira República teve duas fases, a primeira, que durou até ao início da guerra e a segunda a partir daí. Esta segunda fase foi também interessante, tendo-se destacado outros grandes homens como João Chagas, Teixeira Gomes e outras figuras assim, mas, no geral, foi marcada por pessoas de menor estatura, foi uma República menor a que eu chamo a República dos epígonos. Contra mim falo, porque o meu pai, calculem vocês, foi ministro das Colónias nesta altura e fez coisas interessantes. Eu viria a ser um dos homens da descolonização, o mundo muda e as figuras também, o meu pai era católico, eu não sou, o meu pai era um grande republicano, opositor de Salazar, morreu a combater contra o Salazar, e eu fui também, depois, opositor de Salazar, mas muito mais à esquerda do que o meu pai. Bem, isto foi uma breve nota familiar.

Mas voltando ao Jaime Cortesão, já vos disse que ele criou a *Seara Nova*, que foi talvez a revista mais importante que se fez em Portugal desde sempre. Mas fez muito mais. Vocês já ouviram falar do movimento modernista, da revista *Orfeu*, por exemplo, onde colaboraram Fernando Pessoa e tantas outras figuras. A revista *Orfeu* teve apenas dois números, o terceiro já não saiu, foi uma revista pequenina, mas de grande importância para o modernismo português na literatura. A *Seara Nova* ainda hoje existe, embora em decadência, e é uma revista que formou variadíssimas gerações. Os homens que se consideram influenciados pela *Seara Nova* chamam-se seareiros. Eu

escrevi muito pouco na Seara Nova, porque, com a Democracia, já havia outras revistas, como a Vértice, uma revista interessante, de esquerda e do movimento neo-realista, que era outro movimento político e literário do século XX. Mas, realmente, na Seara Nova estava tudo o que havia de melhor na inteligência portuguesa do século XX, Aquilino Ribeiro, um grande romancista, e Raul Brandão, escritor e autor teatral, que tem três volumes de memórias verdadeiramente extraordinárias que dão uma idéia do que foi a primeira República e todo esse tempo desde o regicídio até à ditadura. E outros grandes escritores como Ferreira de Castro, de tendência anarquista, além de pessoas que não eram propriamente literatos, como, por exemplo, o Professor Mário de Azevedo Gomes, que foi também uma grande figura da primeira República.

Um dos governos mais progressistas da República foi chefiado por Álvaro de Castro, um grande político que morreu muito novo. Álvaro de Castro convidou dois representantes da Seara Nova para o seu governo, Jaime Cortesão para ministro da Educação e o Professor Mário de Azevedo Gomes para ministro da Agricultura. Na altura em que estavam a discutir, na Seara Nova, se deviam ou não deviam aceitar o convite, o António Sérgio manifestou o desejo de ser ele o ministro da Educação e o Jaime Cortesão disse "Ah, você quer ser ministro, então será você o ministro!". E foi assim foi que o António Sérgio foi ministro da Educação, apesar de o Álvaro de Castro preferir o Jaime Cortesão, que era o mais prestigiado.

Porque o Jaime Cortesão era, além do mais, um homem generosíssimo, nada ambicioso, dando lugar aos outros, perfeitamente consciente da sua capacidade, da sua inteligência e da sua cultura.

O António Sérgio, que eu conheci muito bem, era também um homem de uma inteligência luminosa, mas, curiosamente, não sei se vocês sabem, as pessoas muito inteligentes às vezes não têm talento para as coisas quotidianas. Lembro-me que, para aí nos meus 17-18 anos, quando andava na universidade, eu ia muito a uma livraria que havia na Rua do Carmo, a livraria Portugal. Esta livraria era frequentada pelo Brito Camacho, outra das grandes figuras da república, um homem mais conservador, mas de uma graça enorme e muito crítico. Certa vez, ele estava na livraria com um grupo e o António Sérgio vinha a descer a rua. E eu, que estava de orelha atenta, ouvi o Brito Camacho dizer "Vejam, vejam, vai ali o parvinho mais inteligente que há em Portugal". O António Sérgio era um homem muitíssimo inteligente, mas de trato difícil e um pouquinho vaidoso, o que não era o caso do Cortesão.

Jaime Cortesão teve uma vida espantosa. Depois do 28 de Maio, entrou na primeira grande revolução que se fez contra a ditadura. Começou no Porto, onde Cortesão estava, a 3 de Fevereiro, e foi vencida porque houve descoordenação e o levantamento só começou em Lisboa no dia 7 de Fevereiro. Houve muitos mortos de parte a parte, foi uma grande tragédia e Jaime Cortesão teve que se exilar. Esteve em França e em Inglaterra, porque a Espanha, nessa altura, em 1927, vivia ainda sob a ditadura de Primo de Rivera, um ditador na monarquia. Em 1931 deu-se um fenómeno extraordinário, os espanhóis proclamaram a república, uma república sem tiros, que durou 1931 a 1936, e Jaime Cortesão veio para Espanha, onde viveu a guerra civil. No exílio, Jaime Cortesão ia sempre trabalhando como investigador histórico, e, ao mesmo tempo, como literato, fazendo peças de teatro. Tem um livro, Cartas à Mocidade, que vos recomendo, que é

interessantíssimo lerem agora, e versos, porque ele também era poeta. O Fernando Pessoa, numa carta que escreve, penso que ao Mário Sá Carneiro, diz “esse Cortesão, ao contrário do que dizem, também é um grande poeta”, mas, realmente, embora o fosse, ele nunca foi considerado um grande poeta, era sobretudo reconhecido como um grande historiador e um excelente cronista, um homem de grande cultura em geral. Voltando ao período da guerra civil em Espanha, Jaime Cortesão foi um grande amigo do primeiro presidente da República espanhola, Manuel Azenha, também ele homem de uma imensa cultura. Eu vivi a guerra civil, tinha muito poucos anos, mas todos os dias em minha casa se ouvia a rádio Madrid, era uma casa republicana e eu apanhei tudo isso, ouvi a Passionária e os discursos do Indalécio Prieto, dessa gente toda.

No final, os republicanos foram esmagados pelos fascistas italianos e pelos nazis alemães, com os seus bombardeamentos aéreos. Guernica foi um exemplo, mas houve muitos, mataram milhares de pessoas, aqueles que diziam estar a fazer uma cruzada nacionalista trouxeram os marroquinos para combater e matar os espanhóis de uma maneira brutal. Em Portugal, que era uma ditadura, Salazar ajudou a fundo os nacionalistas e, portanto, os jornais só davam conta dos nacionalistas. Mas havia núcleos de pessoas, a minha casa era um deles, onde se ouvia a rádio, por isso eu acompanhava o que se passava em Espanha e fui marcadíssimo, na política, pela guerra civil de Espanha. A vitória dos fascistas, em 36, foi uma catástrofe para o mundo inteiro e para a Europa em especial.

O Bernardino Machado, o Jaime Cortesão, o Jaime Morais e outras grandes figuras, que estavam exiladas em Espanha e apoiavam a república espanhola, fugiram para França. O Jaime Cortesão contou-me como atravessaram os Pirinéus a pé, pelo meio da neve, com o Bernardino Machado já perto dos 90 anos, e como foram mal recebidos pelos franceses, que, naquela fase, em 39, estavam a tentar negociar com o Hitler o pacto de Munique.

Depois veio a guerra, a 2ª Grande Guerra Mundial e os alemães conseguem entrar pela França e chegar a Paris. Lembro-me de acompanhar pelos jornais a evolução da guerra, e também no cinema, onde havia uma coisa que se chamava o “documentário do dia”. Na altura ainda não havia televisão, havia apenas a rádio, então íamos ao cinema para ver os documentários. Lembro-me de um desses documentários, em que Hitler entrou em Paris, numa madrugada, e se pôs-se a dançar no Trocadero em plena noite, aos berros e a dançar, histérico, por ter tomado Paris. As pessoas sentiram, como eu, que eram os bárbaros que vinham aí, que íamos ficar mil anos submetidos àquilo. Felizmente não foi assim, porque a história tem sempre recursos e, quatro anos depois, o Hitler estava a perder a guerra e a suicidar-se no seu bunker.

O Salazar decretou luto nacional pela morte do Hitler, tivemos três dias de luto com as bandeiras a meia haste. Apesar disso, os aliados, os franceses, mas sobretudo os ingleses e os americanos, para se protegerem do movimento comunista e dos soviéticos, que foram também vencedores da guerra, resolveram apoiar o Salazar e deixá-lo no poder, assim como ao Franco. Bem, foi uma grande traição das democracias a todos os que lutaram contra o fascismo em Portugal e em Espanha.

Voltando atrás, o Jaime Cortesão e os seus companheiros, quando viram os Alemães a entrar em França, meteram-se num comboio, foram à embaixada portuguesa e lá conseguiram um visto para passar de comboio por toda a

Espanha, que estava na miséria, depois da guerra civil, e chegaram a Portugal.

Na fronteira foram presos, o Bernardino Machado, antigo presidente da República, foi enviado para a sua casa em Famalicão, com residência fixa, e o Jaime Cortesão foi enviado para o forte de Peniche. Em 1940 é organizada a festa dos centenários e a grande exposição mundial, para celebrar a independência portuguesa em 1140 e 1640, uma exposição bem organizada pelo António Ferro e pela gente modernista do tempo de Salazar. Pressionados sobretudo pelos brasileiros, sentiram-se na obrigação de deixar que o Jaime Cortesão visitasse a exposição, foram buscá-lo a Peniche, levaram-no à exposição durante um dia e, a seguir, mandaram-no deportado para o Brasil, onde ficou até aos anos 50.

Este foi o seu período mais criativo. Para além de ter sido professor do Itamarati, a grande escola da diplomacia brasileira, desenvolveu, no Brasil, a parte mais importante do seu trabalho como historiador. Ele fica como um dos grandes historiadores do século XX, tinha havido o Herculano, o Oliveira Martins e outros, mas, no século XX, Jaime Cortesão foi o historiador dominante, a pessoa que melhor conhecia e mais escreveu sobre a história de Portugal.

Quando ele vem a Lisboa, integrado numa equipa do Itamarati, os brasileiros fazem uma pressão brutal para que ele possa regressar. O Salazar autoriza e, em 1955, ele regressa e fixa-se em Portugal.

É nesta altura que eu o conheço bem. A sua chegada foi logo um acontecimento cultural imenso. Foi criada a Sociedade Portuguesa de Escritores, da qual ele foi o primeiro presidente, e houve, na altura, uma grande luta nas hostes literárias, entre aqueles que pretendiam candidatá-lo ao prémio Nobel e os que defendiam a candidatura do Miguel Torga, de Coimbra.

O Jaime Cortesão torna-se chefe da oposição ao regime de Salazar e forma-se uma equipa, em que estava o António Sérgio também, o Azevedo Gomes, o Piteira Santos, o José Rodrigues dos Santos, o Ramos da Costa, o Manuel Mendes e eu próprio, um grupo que viria a fazer o programa para a democratização da República, em 1961. Todos acabaram por ir para a cadeia; o Cortesão, com sessenta e tal anos, foi preso com o Vieira de Almeida, o Azevedo Gomes e o António Sérgio, foram enviados para Caxias, imaginem. Porquê? Porque apoiaram a candidatura de Humberto Delgado à presidência da República, uma candidatura que incendiou o país inteiro e teve no Jaime Cortesão um dos principais agentes.

O Delgado, que era um homem da caserna, militar, militar puro, chamava “barbas” ao Azevedo Gomes e ao Jaime Cortesão, porque usavam barba. O Cortesão tinha uma grande barba, que cofiava, era um homem grande, alto, muito bonito segundo diziam as senhoras.

O Delgado disse-me um dia “Eu não tenho confiança em si, você é um homem dos barbas”. Mas o Delgado prestou também um serviço fantástico. A verdade é que o nosso Cortesão e os seus amigos mais próximos foram os primeiros a ser presos. Nós tínhamos convidado para vir a Portugal o ministro inglês Honorin Bedan, um ministro trabalhista, que fez o Serviço Nacional de Saúde, um homem extraordinário, e o Salazar não consentiu, com o argumento de que poucas pessoas sabiam inglês em Portugal. Apesar de, na altura, isso ser verdade, não era argumento de todo porque havia intérpretes, mas não o deixaram vir. Quando fizemos um documento de protesto contra isso, o

Salazar ficou furioso, sobretudo porque envolvemos a Christine Garnier, que tinha vindo e sido recebida com todas as honras. Os primeiros subscritores, que eram os quatro grandes, foram logo metidos na cadeia e, depois, prenderam todos os outros cento e tal que assinaram o protesto. A seguir, mais tarde ou mais cedo, todos passámos pela cadeia, eu estive lá seis meses por causa do programa para a democratização da República.

Jaime Cortesão morreu um pouco inesperadamente no meio de tudo isto, em 1960. Eu estava de férias, na praia, com a minha mulher, mas vim ao funeral.

O funeral foi um acontecimento extraordinário, que ajudou a compreender a sua dimensão humana. Cortesão era agnóstico, mas era um homem de uma grande espiritualidade. Gostava muito dos Franciscanos, tinha publicado um trabalho sobre os Franciscanos, sobre a sua importância nas descobertas dos portugueses e no contacto com os índios, um dos estudos clássicos dele, e então deu ordem á família para que o vestissem com um burel de franciscano, os pés nus, sem nada, para mostrar a máxima humildade no momento de ir para outro mundo. Ele que não acreditava no dito outro mundo... O féretro esteve exposto na Sociedade Portuguesa de Escritores e, por ordem sua, esteve sempre a tocar a nona sinfonia de Beethoven, o Hino da Alegria, o hino à liberdade, que é hoje o hino da União Europeia. É extraordinário, porque o Hino da Alegria, que é uma peça fantástica, não joga bem com os pés descalços e o burel de franciscano, mas para ele jogava e assim foi.

Portanto, Jaime Cortesão foi um homem extraordinário que me honro muito de ter conhecido. Manuel Bandeira, um grande poeta brasileiro, num dos seus pequenos livros de homenagem a figuras de quem ele gostava muito, tem uns versozinhos de homenagem a Jaime Cortesão, uma quadra deliciosa que diz assim:

“Honra ao bom português  
que baniram do seu torrão  
ninguém mais do que ele cortês  
ninguém menos Cortesão”

Aqui têm o meu retrato de Jaime Cortesão.